

The background is a dark, textured surface featuring a large, light-colored spiral that starts from the top right and winds towards the center. Several concentric circles are also visible, creating a hypnotic, tunnel-like effect. The overall color palette is monochromatic, ranging from deep blacks to light greys.

>>>A aposta

"De um lado, a eterna estrela,
e do outro a vaga incerta,
meu pé dançando pela
extremidade da espuma,
e meu cabelo por uma
planície de luz deserta."

"Calada vigiarei meus dias.
Quanto mais vigiados, mais curtos!
Com que mágoa o horizonte avisto...
aproximado e sem recurso.
Que pena, a vida ser só isto!"

Cecília Meireles

Convocamos e ouvimos testemunhas: psicólogos, filósofos, cientistas sociais. Uns, ao lado da acusação, nos asseguraram que a religião é uma louca que balbucia coisas sem nexos, distribuindo ilusões, fazendo alianças com os poderosos, narcotizando os pobres. Outros, pela defesa, afirmaram que sem a religião o mundo humano não pode existir e que, quando deciframos seus símbolos, contemplamo-nos como num espelho. E mais, que é justamente com esses símbolos que os oprimidos constroem suas esperanças e se lançam à luta.

Curioso, entretanto, que nenhuma das testemunhas jamais tenha sido vista nos lugares sagrados, em busca de comunhão com o divino. E o que é mais grave: é sabido que nenhuma delas jamais acreditou naquilo que a religião tem a dizer.

É assim com os cientistas: prestam atenção, sem acreditar; escutam e anotam, convencidos de que os homens não sabem sobre o que estão falando. Eles pensam que aqueles que não passaram pela educação científica, os homens comuns, são como sonâmbulos: caminham envolvidos por uma nuvem de ilusões e equívocos que não os deixa ver a verdade. Míopes. Cegos. Veem as coisas de cabeça para baixo. Não por má-fé, mas por incapacidade cognitiva. E esta é a razão por que os cientistas ouvem suas palavras com um sorriso condescendente. Serão eles, os cientistas, que retirarão do discurso do senso comum a verdade a que somente a ciência tem acesso. E é por isso que nenhum cientista pode acreditar

nas palavras da religião. Se acreditassem seriam religiosos e não homens de ciência.

Não lhes sobra outra alternativa. Todas as ciências, sem exceção, são obrigadas a um rigoroso *ateísmo metodológico*: demônios e deuses não podem ser invocados para explicar coisa alguma. Tudo se passa, no jogo da ciência, como se Deus não existisse... Se é daí que partem os cientistas, como poderiam eles acreditar naqueles que invocam os deuses e têm a ingenuidade de orar?...

Mas não haverá um dever de honestidade a nos obrigar a ouvir a religião, até agora silenciosa? Não deveremos permitir que ela articule seus pontos de vista? Ou nos comportaremos como inquisidores? No mundo encantado da Alice aconteceu um famoso julgamento em que o juiz gritava: "A sentença primeiro, o julgamento depois!" Faremos nosso o comportamento do magistrado doido? Não. Teremos de ouvir a voz da religião, ainda que ela esteja mais próxima da poesia que da ciência.

A quem vou invocar como representante da religião? Você percebeu que, em cada capítulo, esforcei-me por assumir a identidade daquele em cujo nome falei. Tentei ser positivista, tentei ser Durkheim, falei como se fosse Marx, como se fosse Freud e Feuerbach, procurei as visões dos mundos dos profetas. Estranha e maravilhosa capacidade, essa de brincar de "faz de conta". Abandonar nossas certezas para ver como o mundo se configura na visão de outra pessoa. E é isso que teremos de fazer agora, pedindo o silêncio do cientista que em nós habita, a fim de permitir que fale,

nas palavras da religião. Se acreditassem seriam religiosos e não homens de ciência.

Não lhes sobra outra alternativa. Todas as ciências, sem exceção, são obrigadas a um rigoroso *ateísmo metodológico*: demônios e deuses não podem ser invocados para explicar coisa alguma. Tudo se passa, no jogo da ciência, como se Deus não existisse... Se é daí que partem os cientistas, como poderiam eles acreditar naqueles que invocam os deuses e têm a ingenuidade de orar?...

Mas não haverá um dever de honestidade a nos obrigar a ouvir a religião, até agora silenciosa? Não deveremos permitir que ela articule seus pontos de vista? Ou nos comportaremos como inquisidores? No mundo encantado da Alice aconteceu um famoso julgamento em que o juiz gritava: "A sentença primeiro, o julgamento depois!" Faremos nosso o comportamento do magistrado doido? Não. Teremos de ouvir a voz da religião, ainda que ela esteja mais próxima da poesia que da ciência.

A quem vou invocar como representante da religião? Você percebeu que, em cada capítulo, esforcei-me por assumir a identidade daquele em cujo nome falei. Tentei ser positivista, tentei ser Durkheim, falei como se fosse Marx, como se fosse Freud e Feuerbach, procurei as visões dos mundos dos profetas. Estranha e maravilhosa capacidade, essa de brincar de "faz de conta". Abandonar nossas certezas para ver como o mundo se configura na visão de outra pessoa. E é isso que teremos de fazer agora, pedindo o silêncio do cientista que em nós habita, a fim de permitir que fale,

talvez, um pedaço de nós mesmos: pedaço que, sem invocar os nomes sagrados, insiste em desejar, em esperar, enviando seus gritos silenciosos de aspiração e protesto pelos buracos sem fim dos momentos de insônia e sofrimento. Pode ser que não acreditemos em deuses, mas bem que desejaríamos que eles existissem. Isso tranquilizaria nosso coração. Teríamos certezas sobre as coisas que amamos e que vemos, com tristeza, envelhecer, decair, sumir... Ah! Se pudéssemos ficar grávidos de deuses... E é assim que passamos para um outro mundo em que a fala não está subordinada aos olhos, mas ligada ao coração. É que "o coração tem razões que a própria razão desconhece".

Um velho feiticeiro dizia ao seu aprendiz que o segredo de sua arte estava em aprender a fazer o mundo parar. Tal conselho parece loucura, mas vira sabedoria quando nos damos conta de que nosso mundo foi petrificado pelo hábito. Acostumamo-nos a falar sobre o mundo de uma certa forma, pensamo-lo sempre dentro dos mesmos quadros, vemos tudo sempre da mesma forma, e os sentimentos se embotam por sabermos que o que vai ser é igual àquilo que já foi. Mas, quando brincamos de fazer de conta, é como se o nosso mundo repentinamente parasse à medida que a linguagem, o pensamento, os olhos e o sentimento de outro fazem surgir um mundo novo à nossa frente. Foi isso que ocorreu às pobres rãs desta parábola, já contada em outros lugares, e que vou repetir:

"Num lugar não muito longe daqui havia um poço fundo e escuro onde, desde tempos imemoriais, uma sociedade de rãs se

estabelecera. Tão fundo era o poço que nenhuma delas jamais havia visitado o mundo de fora. Estavam convencidas de que o universo era do tamanho do seu buraco. Havia sobejas evidências científicas para corroborar essa teoria, e somente um louco, privado dos sentidos e da razão, afirmaria o contrário. Aconteceu, entretanto, que um pintassilgo que voava por ali viu o poço, ficou curioso e resolveu investigar suas profundezas. Qual não foi sua surpresa ao descobrir as rãs! Mais perplexas ficaram elas, pois aquela estranha criatura de penas colocava em questão todas as verdades já secularmente sedimentadas e comprovadas em sua sociedade. O pintassilgo morreu de dó. Como é que as rãs podiam viver presas em tal poço, sem ao menos a esperança de poder sair? Claro que a ideia de sair era absurda para os batráquios pois, se o seu buraco era o universo, não poderia haver um 'lá fora'. E o pintassilgo se pôs a cantar furiosamente. Trinou a brisa suave, os campos verdes, as árvores copadas, os riachos cristalinos, borboletas, flores, nuvens, estrelas... o que pôs em polvorosa a sociedade das rãs, que se dividiram. Algumas acreditaram e começaram a imaginar como seria lá fora. Ficaram mais alegres e até mesmo mais bonitas. Coaxaram canções novas. As outras fecharam a cara. Afirmações não confirmadas pela experiência não deveriam ser merecedoras de crédito, elas alegavam. O pintassilgo tinha de estar dizendo coisas sem sentido e mentiras. E se puseram a fazer a crítica filosófica, sociológica e psicológica do seu discurso. A serviço de quem estaria ele? Das classes dominantes? Das classes dominadas? Seu canto seria uma espécie de narcótico? O passarinho seria um louco? Um enganador? Quem sabe ele não passaria de uma alucinação coletiva? Dúvidas não havia de que o tal canto tinha criado muitos problemas. Tanto as rãs-dominantes como as rãs-dominadas (que secretamente preparavam uma revolução) não gostaram das ideias que o canto do pintassilgo estava colocando na cabeça do povão. Por ocasião de sua próxima visita o pintassilgo foi preso, acusado de enganador do povo, morto, empalhado e as demais rãs proibidas, para sempre, de coaxar as canções que ele lhes ensinara..."

- Foi assim que aconteceu: a ciência empalhou a religião, tirando dela verdades muito diferentes daquelas que a própria religião viva cantava. Acontece que as pessoas religiosas, ao dizer os nomes sagrados, realmente creem num "lá fora" e é deste mundo invisível que suas esperanças se alimentam.
- Tudo tão distante, tão diferente da sabedoria científica...

Se vamos ouvir as pessoas religiosas é necessário "fazer de conta" que acreditamos. Quem sabe o pintassilgo tem razão? Quem sabe o universo é mais bonito e misterioso que os limites do nosso poço? Sobre o que fala a religião?

- X É necessário que não nos deixemos confundir pela exuberância dos símbolos e gestos, vindos de longe e de perto, de outrora e de agora, porque o tema da canção é sempre o mesmo. Variações sobre um tema dado. A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião, a despeito de toda a crítica que lhe faz a ciência. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor. Bem dizia Max Weber que a dura lição que aprendemos da ciência é que o sentido da vida não pode ser encontrado ao fim da análise científica, por mais completa que seja. E nos descobrimos expulsos do paraíso, ainda com os restos do fruto do conhecimento em nossas mãos...
- X

O sentido da vida: não há pergunta que se faça com maior angústia, e parece que todos são por ela assombrados de vez em quando. Valerá a pena viver? A gravidade da pergunta se revela na gravidade da resposta. Porque não é raro vermos pessoas mergulhadas nos abismos da loucura, ou optarem voluntariamente pelo abismo do suicídio por terem obtido uma resposta negativa. Outras pessoas, como observou Camus, se deixam matar por ideias ou ilusões que lhes dão razões para viver: boas razões para viver são também boas razões para morrer.

Mas o que é isto, o sentido da vida?

O sentido da vida é algo que se experimenta emocionalmente, sem que se saiba explicar ou justificar. Não é algo que se construa, mas algo que nos ocorre de forma inesperada e não preparada, como uma brisa suave que nos atinge, sem que saibamos donde vem nem para onde vai, e que experimentamos como uma intensificação da vontade de viver a ponto de nos dar coragem para morrer, se necessário for, por aquelas coisas que dão à vida o seu sentido. É uma transformação de nossa visão do mundo, na qual as coisas se integram como em uma melodia, o que nos faz sentir reconciliados com o universo ao nosso redor, possuídos de um sentimento oceânico —, na poética expressão de Romain Rolland —, sensação inefável de eternidade e infinitude, de comunhão com algo que nos transcende, envolve e embala, como se fosse um útero materno de dimensões cósmicas.

"Ver um mundo em um grão de areia / e um céu numa flor silvestre, / segurar o infinito na palma da mão / e a eternidade em uma hora" (Blake).

O sentido da vida é um sentimento.

Se a pretensão da religião terminasse aqui, tudo estaria bem. Porque não há leis que nos proíbam de sentir o que quisermos. O escândalo começa quando a religião ousa transformar tal sentimento, interior e subjetivo, numa hipótese acerca do universo. Podemos entender as razões por que o homem religioso não pode se satisfazer com o pássaro empalhado. A religião diz: "o universo inteiro faz sentido". Ao que a ciência retruca: "as pessoas religiosas sentem e pensam que o universo inteiro faz sentido". Aquela afirmação sagrada que ecoava de universo em universo, reverberando em eternidades e infinitos, a ciência aprisiona dentro do poço pequeno e escuro da subjetividade e da sociedade: ilusão, ideologia. O sentido da vida é destruído. Que poderá restar da alegria das rãs, se o "lá fora" que o pintassilgo cantou não existir?

Afirmar que a vida tem sentido é propor a fantástica hipótese de que o universo vibra com nossos sentimentos, sofre a dor dos torturados, chora a lágrima dos abandonados, sorri com as crianças que brincam... Tudo está ligado. Convicção de que, por detrás das coisas visíveis, há um rosto invisível que sorri, presença amiga, braços que abraçam, como na famosa tela de Salvador Dalí. E é esta crença que explica os sacrifícios que se oferecem nos altares e as preces que se balbuciam na solidão.

É possível que tais imagens jamais tenham passado pela sua cabeça e que você se sinta perdido em meio às metáforas de que a experiência religiosa lança mão. Lembrei-me de um diálogo, dos mais belos e profundos já produzidos pela literatura, em que Ivan Karamazov argumenta com seu irmão Alioscha, invocando a memória de um menininho, castigado pelos pais por haver molhado a cama, e trancado num quartinho escuro e frio, fora de casa, na noite gelada. Ele fala das mãozinhas, batendo na porta, pedindo para sair, lágrimas rolando pela face torcida pelo medo. Que razões, no universo inteiro, poderiam ser invocadas para explicar e justificar aquela dor? A gente sente que aqui se encontra algo profundamente errado, eternamente errado, errado sempre, sem atenuantes, do princípio dos mundos até o seu fim. E sentimos igual quando pensamos nos torturados, nos executados, nos que morrem de fome, nos escravizados, nos que terminaram seus dias em campos de concentração, na vida animal que é destruída pela ganância, nas armas, na velhice abandonada... Poderíamos ir multiplicando os casos, sem fim...

Que razões trazemos conosco que nos compelem a dizer "não" a tais atos? Serão nossos sentimentos apenas? Mas, se assim for, que poderemos alegar quando também o carrasco, também o torturador, também os que fazem armas e guerra invocarem seus sentimentos como garantia de suas ações? Também eles sentem... Ainda permanecem humanos...

Não, nossos julgamentos éticos não descansam apenas em nossos sentimentos. É verdade que nos valem deles.

Mas verdade é também que invocamos o universo inteiro como testemunha e garantia de nossa causa. Vibra com o infinito a voz do coração. Cremos que o universo possui um coração humano, uma vocação para o amor, uma preferência pela felicidade e pela liberdade — tal como nós. Assim, anunciar que a vida tem sentido é proclamar que o universo é nosso irmão. E é esta realidade, âncora de sentimentos, que recebe o nome de Deus.

A religião cuidou, com carinho especial, de erigir casas aos deuses e casas para os mortos, templos e sepulcros. Nenhum outro ser existe neste mundo que, como nós, erga súplicas aos céus e enterre, com símbolos, os seus mortos. E isso não é accidental. Porque a morte é aquela presença que, vez por outra, roça em nós o seu dedo e nos pergunta:
 ✕ “Apesar de mim, crês ainda que a vida faz sentido?”

Como afirmar o sentido da vida perante a morte? Que consolo oferecer ao pai, diante do filho morto? Dizer que a vida foi curta, mas bela? Como consolar aquele que se descobriu enfermo para morrer e vê os risos e carinhos cada vez mais distantes? E os milhões que morrem injustamente: Treblinka, Hiroshima, Biafra?

Tudo tão diferente de uma sonata de Mozart: curta, perfeita. Em vinte minutos, tudo o que deveria ter sido dito o foi. O acorde final nada interrompe, completa apenas.

Como afirmar o sentido da vida perante o absurdo da existência representado de maneira exemplar pela morte que reduz a nada tudo o que o amor construiu e esperou?

"Aquilo que é finito para o entendimento é nada para o coração" (Feuerbach). Eis o problema. "De um lado, a estrela eterna, e do outro a vaga incerta..." (Cecília Meireles). O sentido da vida se dependura no sentido da morte. E é assim que a religião entrega aos deuses os seus mortos, em esperança... Entre as casas dos deuses e as dos mortos brilha a esperança da vida eterna para que os homens se reconciliem com a morte e sejam libertados para viver. Quando a morte é transformada em amiga, não é mais necessário lutar contra ela. E não será verdade que toda a nossa vida é uma luta surda para empurrar para longe os horizontes "aproximados e sem recurso"? A sociedade é um bando de homens que caminham, lutando, em direção à morte inevitável.

Pense no que você faria se lhe fosse dito que lhe restam três meses de vida. Depois do pânico inicial... Suas rotinas diárias, as coisas que você considera importantes, inadiáveis, pelas quais sacrifica o ócio, a meditação, o brinquedo... A leitura de jornais, os canhotos dos talões de cheque, os documentos para o IR, os ressentimentos conjugais, os rancores profissionais, a pós-graduação, as perspectivas da carreira... Tudo isso encolheria até quase desaparecer. E o presente ganharia uma presença que nunca teve antes. Ver e saborear cada momento; são os últimos: o quadro, esquecido na parede; o cheiro de jasmim; o canto de um pássaro, em algum lugar; o barulho dos grilos, enquanto o sono não vem; a gritaria das crianças; os salpicos da água fria, perto da fonte... Talvez você até criasse coragem para

tirar os sapatos e entrar na água... Que importaria o espanto das pessoas sólidas?

Talvez encontremos aqui as razões por que a sociedade oculta e dissimula a morte, tornando-a até mesmo assunto proibido para conversação. A consciência da morte tem o poder de libertar, e isso subverte as lealdades, valores e respeito de que a ordem social depende. Colocando os sepulcros nas mãos dos deuses, a religião obriga a inimiga a se transformar em irmã... Livres para morrer, os homens estariam livres para viver.

Mas o sentido da vida não é um fato. Num mundo ainda sob o signo da morte, em que os valores mais altos são crucificados e a brutalidade triunfa, é ilusão proclamar a harmonia com o universo, como realidade presente. A experiência religiosa, assim, depende de um futuro. Ela se nutre de horizontes utópicos que os olhos não viram e que só podem ser contemplados pela magia da imaginação. Deus e o sentido da vida são ausências, realidades por que se anseia, dádivas da esperança. De fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança. E talvez possamos afirmar, com Ernest Bloch: "Onde está a esperança, ali também está a religião".

A visão é bela, mas não há certezas.

Como o trapezista que tem de se lançar sobre o abismo, abandonando todos os pontos de apoio, a alma religiosa tem de se lançar também sobre o abismo, na direção das evidências do sentimento, da voz do amor, das sugestões da

..... 0 que é religião?

esperança. Nos caminhos de Pascal e Kierkegaard, trata-se de uma aposta apaixonada. E o que é lançado sobre a mesa das incertezas e das esperanças é a vida inteira.

O leitor, perplexo, em busca de uma certeza final, perguntaria: "Mas, e Deus, existe? A vida tem sentido? O universo tem uma face? A morte é minha irmã?" Ao que a alma religiosa só poderia responder: "Não sei. Mas eu *desejo* ardentemente que assim seja. E me lanço inteira. Porque é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido..."